Veículo: *O Estado de S.Paulo* – coluna Espaço Aberto
Data: Fevereiro/2005.

O sonho americano

Fernando Henrique Cardoso

Como estamos no Carnaval me permitirei liberdades de imaginação que noutras circunstâncias seriam objeto de reparo de meus amigos mais cautelosos e dos "bem pensantes", bem como dos eventualmente atingidos por minhas observações. Diriam "não fica bem a um ex Presidente desgastar-se em críticas ao governo atual". Previno que não farei críticas. Apenas, recordando a condição de sociólogo com experiência política, tentarei imaginar como devem sentir-se os antigos líderes sindicais hoje vestidos com os trajes que antes se pensava apropriados para os "burgueses" ou os "patrões".

Lula parece que se sente à vontade. Aliás, nos mais variados trajes: é só ver com que facilidade troca a camisa do MST pela dos Correios, o elegante paletó Armani pela veste de médico em um hospital e mesmo a camisa do Corinthians (sem rejeitar nosso time) pela camiseta mais simples das peladas no Torto. Ou ainda a bata branca encimada por um lenço palestino usada no Fórum Social pela correção no traje de moda em Davos. E é bom vê-lo assim, tão à vontade nos mais variados papéis. Tão contente consigo. Ponto para ele.

Os companheiros sindicalistas que ocupam crescentemente posições na burocracia e na política me parecem menos naturais. Empertigam-se, parecem deliciar-se com as pequenas vantagens dos cargos que ocupam, mas não exibem a mesma galhardia do líder maior, que sabe tirar com elegância o prazer da baforada de um "puro" Havana. Mas, seriam os únicos ou os primeiros a assim se sentirem, em um país que não prima pela moderação, ou encontraram exemplos e estímulos no comportamento de setores políticos de há muito enroscados no poder? O certo é que vão cumprindo razoavelmente seus novos papéis.

Será reprovável esse gozo das facilidades do poder? Quando há exagero, certamente

alguns desses comportamentos não compaginam com a moral ou, pelo menos, com a compostura que as funções públicas requerem na vida republicana. Caso contrário, são pecados veniais de quem vem com sede de poder e prestígio para resgatar o passado jejuno. Não é este o preço a pagar pela inclusão no centro do poder de quem nunca esteve nele? E não será também a prova de que a sociedade se democratizou, o que, visto da perspectiva de “los que mandan” parece aberrante porque não querem abrir espaço para os recém chegados? Provavelmente sim. Com certa carga de preconceito inaceitável.

Os fatos aludidos e as observações que fiz podem parecer tremendamente banais. Entretanto, se pusermos o que disse acima em linguagem mais sociológica, não estaremos diante da demonstração de que nas últimas décadas (para ser mais preciso, com a redemocratização) a sociedade brasileira foi muito dinâmica, apresentando grande mobilidade social e, pouco a pouco, está quebrando os velhos preconceitos estamentais, que gostavam de ver “cada macaco em seu galho”?

O documentário de Eduardo Coutinho sobre “Os peões”, a respeito dos antigos companheiros de Lula em São Bernardo que não subiram tanto na vida, dá a contraprova do que disse acima. Todos vindos do Nordeste empobrecido para São Paulo dos anos setenta, todos trabalhadores honrados e orgulhosos de suas atividades, todos hoje em dia morando em casas pobres, mas provavelmente próprias e alguns com uma chacrinha no lugar de origem e, quem sabe, uma casinha de alugar? E, sobretudo, todos com a memória orgulhosa das lutas, das greves e guardando de seu líder da época uma imagem terna. Nem todos, é verdade, “chegaram lá”. Mas fazem parte da mesma sociedade que começa a dar um lugar ao sol para quem luta e tem talento. E para isso não foi preciso haver uma revolução, bastou a continuidade das eleições.

Não faltou quem visse na eleição de Lula uma revolução sem sangue. Mas houve mesmo uma revolução? É aí que a coisa pega. Houve sim uma revolução democrática, não com a eleição de Lula, mas com as transformações havidas no Brasil que propiciaram sua eleição. Algo que poderia ser identificado como a versão brasileira do “american dream”, que abre espaço para a ascensão social, mas não faz uma transformação revolucionária. O líder sindical que chega nestas condições ao ápice da pirâmide social ou do poder, não carrega consigo a classe. Um ou outro se esquece mesmo um pouco dela. Por isso muda

tão a gosto de traje: à mudança de traje já correspondeu uma mudança de sentimento. Continuam “companheiros”, mas agora companheiros são todos, de patrões a chefes de estado de outros países. E o apelo à solidariedade aos “trabalhadores” ou à “classe operária” substitui-se, pouco a pouco, pelo apelo aos ricos para que “olhem” para os pobres. Como somos todos uma grande família, ao Pai-Presidente cabe o abraço e a benção de quem releva a todos e a tudo em sua infinita bondade, até mesmo aos anjos decaídos do PSTU ou doP-SOL, como se viu no Foro Social de Porto Alegre.

Não digo isso com surpresa, e muito menos com nostalgia. Acompanhei de perto a evolução da sociedade e da política brasileira nos últimos quarenta anos, inclusive a dos sindicalistas. Não por acaso estranhei e mesmo critiquei o apodo dado ao partido recém criado em 1980 de “partido dos trabalhadores”: poderia haver – e como houve, meu Deus! – uma confusão e uma ilusão. A de que ainda havia espaço para os velhos partidos de inspiração bolchevique ou leninista. Aos que, com boa fé e pouca visão histórica, se deixaram envolver neste outro sonho (e é necessário sonhar para a vida avançar) talvez soem estranhas as palavras dos novos donos do poder e talvez se espantem com seus trajes tão bem cortados e envergados. Puro preconceito, neste caso não de classe, mas ideológico, por parte dos que não se deram conta de como a sociedade capitalista mudou e com ela seus críticos. Podem não ter deixado de ser críticos, mas já não esperam a salvação a partir dos valores, das formas de comportamento e dos sonhos da velha classe redentora. Talvez seja mesmo uma pena.